

JOÃO DO RIO

A ALMA
ENCANTADORA
DAS RUAS

Crônicas

Organização
Raúl Antelo

8ª reimpressão



COMPANHIA DE BOLSO

ANA CASTRO

PEQUENAS PROFISSÕES!

O CIGANO APROXIMOU-SE DO CATRAIEIRO. No céu, muito azul, o sol derramava toda a sua luz dourada. Do cais via-se para os lados do mar, cortado de lanchas, de velas brancas, o desenho multiforme das ilhas verdejantes, dos navios, das fortalezas. Pelos bulevares sucessivos que vão dar ao cais, a vida tumultuária da cidade vibrava num rumor de apoteose, e era ainda mais intensa, mais brutal, mais gritada, naquele trecho do Mercado, naquele pedaço da rampa, viscoso de imundícies e de vícios. O cigano, de fraque e chapéu mole, já falara a dois carroceiros moços e fortes, já se animara a entrar numa taberna de freguesia retumbante. Agora, pelos seus gestos duros, pelo brilho do olhar, bem se percebia que o catraieiro seria a vítima, a vítima definitiva, que ele talvez procurasse desde manhã, como um milhafre esfomeado.

Eduardo e eu caminhamos para a rampa, na aragem fina da tarde que se embestia de todos aqueles cheiros de maresia, de gordura, de aves presas, de verduras. O catraieiro batia negativamente com a cabeça.

— Uma calça, apenas uma, em muito bom estado.

— Mas eu não quero.

— Ninguém lhe vende mais barato, palavra de honra. E a fazenda? Vêja a fazenda.

Desenrolou com cuidado um embrulho de jornal. De dentro surgiu um pedaço de calça cor de castanha.

— Para o serviço! Dois mil réis, só dois!... Eu tenho família, mãe, esposa, quatro filhos menores. Ainda não comi hoje! Olhe, tenho aqui uns anéis... não gosta de anéis?

¹ Com o título "Profissões exóticas", foi estampada na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, 6/8/1904.

O catraieiro ficara, sem saber como, com o embrulho das calças, e o seu gesto fraco de negativa bem anunciava que iria ficar também com um dos anéis. O cigano desabotoara o fraque, cheio de súbito receio.

— É um anel de ouro que eu achei, ouro legítimo. Vendo barato: oito mil réis apenas. Tudo dez mil réis, conta redonda!

O catraieiro sorria, o cigano era presa de uma agitação estranha, agarrando a vítima pelo braço, pela carnisa, dando pulos, para lhe cochichar ao ouvido palavras de maior tentação; ninguém naquele perpétuo tumulto, ninguém no rumor do estômagos da cidade, olhava sequer para o negócio desesperado de cigano. Eduardo, que nessa tarde passava comigo, arrastou-me pelo ex-largo do Paço, costeando o cais até a velha estação das barcas.

— Admiraste aquele negociante ambulante?

— Admirei um refinado "vigarista"...

— Oh! Meu amigo, a moral é uma questão de ponto de vista. Aquele cigano faz parte de um exército de infelizes, a que as condições da vida ou do próprio temperamento, a fatalidade, enfim, arrasta muita gente. Lembra-te de *La romera de Santia-go*, de Velez de Guevara? Há lá uns versos que bem exprimem o que são essas criaturas:

Estos son algunos hombres

De obligaciones, que pasan

Necesidad, y procuran

De esta suerte remediaria

Salvendose a los caminos...

É quanto basta como moral. Não sejamos excessivos para os humildes.

O Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao

¹ Luis Velez de Guevara (1578-1652), comediógrafo espanhol, autor de *El diablo cojuelo*, imitado por Lesage (1707) no *Diabte boiteux*.

baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmijaça no próprio monturo a vida dos desgraçados. Aquelas calças do cigano, deram-lhas ou apanhou-as ele no monturo, mas como o cigano não faz outra cousa na sua vida senão vender calças velhas e aneis de plaqué, aí tens tu uma profissão da miséria, ou se quiseres, da malandrice — que é sempre a pior das misérias. Muito pobre diabo por aí pelas praças parece sem ofício, sem ocupação. Entretanto, coitados! O ofício, as ocupações, não lhes faltam, e honestos, trabalhosos, inglórios, exigindo o faro dos cães e a argúcia dos repórteres.

Todos esses pobres seres vivos tristes vivem do cisco, do que cai nas sarjetas, dos raros, dos magros gatos dos telhados, são os heróis da utilidade, os que apanham o inútil para viver, os inconscientes aplicadores à vida das cidades daquele axioma de *Lavoisier*; nada se perde na natureza. A polícia não os prende, e, na boémia das ruas, os desgraçados são ainda explorados pelos adolos, pelos ferros-velhos, pelos proprietários das fábricas...

— As pequenas profissões!... É curioso!

As profissões ignoradas. Decerto não conhecees os trapeiros sabidos, os apanha-rótulos, os selistas, os caçadores, as ledoras de *buena dicha*. Se não fossem o nosso horror, a diretoria de *Higiene* e as *blagues* das revistas de ano, nem os ratoeiros seriam conhecidos.

— Mas, senhor Deus! é uma infinidade, uma infinidade de profissões sem acadêmia! Até parece que não estamos no Rio de Janeiro...

— Coitados! Andam todos na dolorosa academia da miséria, e, vê tu, até nisso há vocações! Os trapeiros, por exemplo, dividem-se em duas especialidades: a dos trapos limpos e a de todos os trapos. Ainda há os cursos suplementares dos apanhadores de papéis, de cavacos e de chumbo. Alguns envergornham-se de contar a existência esforcada. Outros abundam em pormenores e são um mundo de velhos desiludidos, de mulheres gastas, de garotos e de crianças, filhos de família, que saem, por ordem dos pais, com um saco às costas, para cavar a vida nas horas da limpeza das ruas.

De todas essas pequenas profissões, a mais rara e a mais parisiense é a dos caçadores, que formam o sindicato das goteiras e dos jardins. São os apanhadores de gatos para matar e levar aos restaurantes, já sem pele, onde passam por coelho. Cada gato vale dez tostões no máximo. Uma só das costelas que os fregueses rendosos trincam, à noite, nas salas iluminadas dos hotéis, vale muito mais. As outras profissões são comuns. Os trapeiros existem desde que nós possuimos fábricas de papel e fábricas de móveis. Os primeiros apanham trapos, todos os trapos encontrados na rua, remexem o lixo, arrancam da poeira e do esterro os pedaços de pano, que serão em pouco alvo papel; os outros têm o serviço mais especial de procurar panos limpos, trapos em perfeito estado, para vender aos lustradores das fábricas de móveis. As grandes casas desse gênero compram em porção a traparia limpa. A uns não prejudica a intempérie, aos segundos a chuva causa prejuízos enormes. Imagina essa pobre gente, quando chove, quando não há sol, com o céu aberto em cataratas e, em cada rua, uma inundação!

— Falaste, entretanto, dos sabidos?

— Ah! os sabidos dedicam-se a pesquisar nos montes de cisco as botas e os sapatos velhos, e batem-se por duas botas iguais com fúria, porque em geral só se encontra uma desirmanada. Esses infelizes têm preço fixo para o trabalho, uma tarifa geral combinada entre os compradores, os italianos remendões. Um par de botas, por exemplo, custa quatrocentos réis, um par de sapatos duzentos réis. As classes pobres preferem as botas aos sapatos. Uma bota só, porém, não se vende por mais de cem réis.

— Mas é bem pago!

— Bem pago? Os italianos vendem as botas, depois de consertadas, por seis e sete mil réis! É o mesmo que acontece aos molambeiros ambulantes como o cigano que acabamos de ver: os belhores compram as roupas para vendê-las com quatrocentos por cento de lucro. Há ainda os selistas e os ratoeiros. Os selistas não são os mais esquadrihadores, os agentes sem lucro do deslâque para o cofre público e da falsificação para o bur-

guês incauto. Passam o dia perto das charutarias pesquisando as sarjetas e as calçadas à cata de selos de maços de cigarros e selos com anéis e os rótulos de charutos. Um cento de selos em perfeito estado vende-se por duzentos réis. Os das carteiras de cigarros têm mais um tostão. Os anéis dos charutos servem para vender uma marca por outra nas charutarias e são pagos cem por duzentos réis. Imagina uns cem selistas à cata de selos intracotos das carteirinhas e dos charutos; avalia em cinco por cento os selos perfeitos de todos os maços de cigarros e de todos os charutos comprados neste país de fumantes; e calcula, após este pequeno trabalho de estatística, em quanto é defraudada a Fazenda nacional diariamente só por uma das pequenas profissões ignoradas...

— Gente pobre a morrer de fome, coitados...

— Oh! Não! O pessoal que se dedica ao ofício não se com-põe apenas do doloroso bando de pés descalços, da agonia riso-nha dos pequenos mendigos. Trabalham também na profissão os malandros de gravata e roupa alheia, cuja vida passa em pane nos boteguins e à porta das charutarias.

— E é rendoso?

— Rendoso, propriamente, não; mas os solistas contam com o natural sentimento de todos os seres que, em vez de romper, preferem retirar o selo do charuto e rasgar a parte selada das carteirinhas sem estragar o selo.

— Mas os anéis dos charutos?

— Oh! Isso então é de primeiríssima. Os selistas têm lugar certo para vender os rótulos dos charutos Bismarck: em Niterói, na travessa do Senado. Há casas que passam caixas e caixas de charutos que nunca foram dessa marca. A mais nova, porém, dessas profissões, que saltam dos ratos, dos buracos, do cisco da grande cidade, é a dos ratoeiros, o agente de ratos, o entrepos-to entre as ratoeiras das estalagens e a diretoria de Saúde. Ratoeiro não é um cavador, é um negociante. Passeia pela Gam-boia, pelas estalagens da Cidade Nova, pelos cortiços e bhocas da parte velha da *urbs*, vai até ao subúrbio, tocando uma corne-tinha com a lata na mão. Quando está muito cansado, senta-se

na calçada e espera tranquilamente a freguesia, soprando de es-pinho a espaço no cornéim.

Não espera muito. Das rétulas há quem os chame; à porta das estalagens afluem mulheres e crianças.

— O ratoeiro, aqui tem dez ratos!

— Quanto quer?

— Meia pataca.

— Até logo!

— Mas, ó diabo, olhe que você recebe mais do que isso por

um só lá na Higiene.

— E o meu trabalho?

— Uma figal! Eu cá não vou na história de microóbio no pelo do rato.

— Nem eu. Dou dez tostões por tudo. Serve?

— Hein?

— Serve?

— Rual!

— Mais figal!

E quando o ratoeiro volta, traz o seu dia fartamente ganho... Tínhamos parado à esquina da rua Fresca. A vida redobra-va aí de intensidade, não de trabalho, mas de deboche.

Nos boteguins, fonógrafos roufenhos esganicavam canções picarescas; numa taberna escura com turcos e fuzileiros navais, dois violões e um cavaquinho repinicavam. Pelas calçadas, para-das às esquinas, à beira do quiosque, meretrizes de galho de ar-ruda atrás da orelha e chinelinho na ponta do pé, carregadores espapaçados, rapazes de camisa de meia e calça branca bomba-cha com o corpo flexível dos birbantes, marinheiros, bombeiros, tónicas vermelhas e fuzileiros — uma confusão, uma mistura de cores, de tipos, de vozes, onde a luxúria crescia.

De repente o meu amigo estacou. Alguns metros adiante, na rua Fresca, um rapaz docerto arriara a caixa e, sentado num por-tal, entregava o braço aos exercíctios de um peiziz da altura de um metro. Junto ao grupo, o cigano, com outro embrulho, falava.

— Vês? Aquelle pequeno é marcador, faz fatuagens, ganha a sua vida com três agulhas e um pouco de graxa, metendo co-

roas, nomes e corações nos braços dos vendedores ociosos. O cigano molamboeiro aproveita o estado de semidor e semi-inércia do rapaz para lhe impingir qualquer um dos seus trapos... um psicólogo, como todos os da sua raça, psicólogo como as suas irmãs que leem a *buena dicha* por um tostão e amam por dez com consentimento deles...

Oh! essas pequenas profissões ignoradas, que são partes integrantes do mecanismo das grandes cidades!

O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Manchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem a sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta Babel que se transforma. E, entretanto, meu caro, quanto soluço, quanta ambição, quanto horror e também quanta compensação na vida humilde que estamos a ver.

*Estos son algunos hombres
De obligaciones, que pasan
Necesidad, y procuran
De esta suerte remediarla
Sabíendose a los caminos...*

Mas o meu amigo não continuou o fio luminoso de sua filosofia. O catraieiro apareceu rubro de cólera, e sutilmente coisou-se com as paredes, ao aproximar-se do cigano.

De repente deu um pulo e caiu-lhe em cima de choffe.

— Apanhei-te, gatuno!

O cigano voltara-se lívido. Ao grito do catraieiro acudiam, numa sarabanda de chinelas, fúfias, rufões, soldados, ociosos, vendedores ambulantes.

— Gatuno! Então vendes como ouro um anel de plaquê? Espera que te vou quebrar os queixos. — Sacudi-o, athrow-o no ar para apanhá-lo com uma bofetada. O cigano porém caiu num bolo, distendeu-se e partiu como um raio por entre a aglomera-

ção da gentilha, que ria. O catraieiro, mais corpulento, mais pesado, precipitou-se também.

Os vagabundos, com o selvagem instinto da caça, que persiste no homem, acompanharam-no. E pelos bulevares, onde se acendiam os primeiros revêrberos, à disparada entre os *sgures* necessivos, a ralé dos borequins, aos gritos, deitou na perseguição do pobre cigano molamboeiro, da pobre profissão ignorada, que, como todas as profissões, tem também malandros.

Então EdUARDO sentenciou:

— Tu não conhecias as pequenas profissões do Rio. A vida de um pobre sujeito deu-te, todos esses úteis conhecimentos. Mas, se esse pobre sujeito não fosse um malandro, não conhecias da profissão até mesmo os birbanes.

A moral é uma questão de ponto de vista. Para julgar os homens basta a gente defini-los segundo os seus sucessivos estados. Se te aprouver definir os profissionais humildes pela tua última impressão, entrega os mesmos versos de Guevara com uma pequena modificação:

*Estos son algunos hombres
De obligaciones, que pasan
Necesidad, y procuran
De esta suerte remediarla
Corriendo por los caminos...*

ORAÇÕES

— QUE ESTÁ VOCÊ A VENDER?

— Orações, sim senhor.

— Novas?

— Uma nova, sim: a oração dos nove.

Era num canto de rua, por uma tarde de chuva. O pobre garoto, muito magro, com o pescoço muito comprido, sobraçava o maço de orações, a sorrir.

— Mas, criatura, a oração dos nove foi desmoralizada!

— E agora é que se vende mais. Olhe, eu hoje vendi quatrocentos folhetos. Só de oração dos nove, trezentos e vinte cinco. Eu acredito nos prodígios. É uma opinião individual mas definitiva. Se a oração dos nove, depois de assustar toda a cidade e de incomodar o arcebispo, ainda continuava com um tão grande número de crentes, era porque tinha prodigiosas virtudes. Comprei a oração e estugnei o passo. Que é afinal uma oração? É um levantamento da alma a Deus com o desejo de o servir e gozar, e são João de Damasco já a definia um pedido de coisas convenientes, com medo de que os fiéis pedissem também inconveniências. Aquela menino magro, naquela esquina de rua, era um dos insignificantes agentes desse tremendo microbóbio da alma.

Si l'on en croit les savants

Pour qui toute la Nature

N'est qu'un bouillon de culture

Mortel aux puerres vivants?

¹ Primeira versão na revista *Kosmos*, Rio de Janeiro, a. 2, n.º 12, dez. 1905.

² "Se acreditamos no que dizem os sábios! Para os que toda a natureza/ Não passa de caldo de cultura/ Mortal para os pobres viventes."

Quantas orações andam por aí impressas em folhetinhos maus, vendidas nas grandes livrarias e nos alfarrabistas, expostas para a província em grossos maços, ou simplesmente manuscritas, de mão em mão, amarradas ao pescoço dos mortais em forma de brevel! Há nessa estranha literatura edições raras, exemplares únicos que se compram a peso de ouro; orações árabes dos negros muçulmís, cuja tradução não se vende nem por cinquenta mil réis; orações de pragas africanas, para dizer três vezes com um *ohi* na boca; orações para todas as coisas possíveis e impossíveis. O homem é o animal que acredita — principalmente no absurdo. Levei muito tempo a colecionar essas stúplicas bizarras. Há mais de mil: de são Bento, de santa Luzia, de santa Helena, Monserrate, são João Batista, Milagre de Jesus Cristo, Maria Eterna, santa Bárbara, Menino Deus, santa Catarina, Senhora do Socorro, santa Teresa, santo Antônio, são Jorge, Nossa Senhora da Guia, são Marcos, são Benedito, santo Sepulcro, Nossa Senhora do Rosário, *Magníficat*, anjo Custódio, são Lourenço, são Joaquim, santo Estevão, Bom Pano, Anunciação para defumar a casa, santa Filomena, Conceição, são Roque, são Sebastião, santo Anastácio, são Simão, Menino Deus contra o sol e o mar salgado, Maria Madalena, Dóres, são Pedro e são Paulo, santo Emídio, são Tiago pelos agonizantes, Sonhos de Nossa Senhora, Juízo Divinal, Perdão Eterno, Senhor dos Passos, são Cosme e são Damião, Nossa Senhora da Glória, que sei eu? Há até orações a santos que o papa desconhece e nunca foram canonizados, como a oração de são Gurmim, boa para a dor de calos, e a de são Puitina, infalível nas nevalgias. Os homens vivem no mistério das palavras conciliadoras.

Antes de nascer tem logo a oração do Bom Parto, em que se supplica à Virgem, apelando para o nascimento de Jesus, um bom sucesso. Toda a mulher que trouxer consigo esta oração no pescoço, rezando todos os dias sete ave-marias, e uma salve-rainha, sete dias antes de parir, terá sempre junto a seu leito a Virgem Santíssima do Bom Parto.

Acompanham-na a oração para a dentição e a de Nossa Se-

hora dos Remédios, logo depois de nascido. Quando já fala, decora a *oração para ao deitar na cama*:

Nesta cama me deito, desta cama me levanto, a Virgem Nossa Senhora me cubra com o seu manto. Se eu coberto com ele for não terei medo nem pavor, nem cousa que des-te ou outro mundo for

e a *oração para levantar da cama*, que se pronunciam mesmo ao ruminar os mais horrendos delitos.

Depois começam os contratos extravagantes, as rezas covardes em que se lisonjeiam os santos para obter deles altos favores e até clamorosas maldades. Têm a forma de padre-nossos, são às vezes assinadas por homenzinhos que as precedem de palavras contando o milagre do seu achado. Não há em todo esse baixo mundo de crença uma oração inteiramente altruística ou desfeita dos egoísmos terrenos. Só duas existem defendendo apenas a Igreja — a de são Pedro e são Paulo e a de são Miguel, que por sinal começa neste violento estilo:

Ó arcanio são Miguel, meu poderoso protetor, a quem Deus Onipotente encarregou a defesa geral de todos os homens, apesar de terem o Anjo da Guarda, e que sois capitão dos nove casos angélicos, cuja prerrogativa me animo a suplicar-vos que me perdoeis o atrevimento com que vos falo apontando-vos a relaxação, atrevimento, altivez e desenvoltura, falta de religião e vícios de que estão possuídos os corações cristãos...

As outras pedem pelo menos o céu, e estão neste caso modesto a do Rosário e a de são Benedito. Os autores, porém, prudentemente, numa nota à parte, comunicam aos crentes os bens de tais rezas:

Quem usar desta oração e rezar com viva fé, ao menos uma vez por semana, não será mordido por cão danado; se for à guerra não morrerá nem será vencido, não se afogará nem

morrerá queimado, sua casa estará em paz, tudo lhe irá bem, os invejosos, os maus olhos, os mal-intencionados, nem os que usam de malfícios e feitiçarias lhe farão dano algum.

E ainda por cima, se rezar umas ave-marias, *terá indulgências*. As outras são verdadeiros requerimentos ou cartas de emprego. O sujeito reza como vai ao ministro do Interior pedir um lugar de guarda-civil. A bajulação é quase idêntica. Diante do altar, a humanidade trata de viver da mesma maneira por que vive diante dos céspedes, dos senhores feudais ou do chefe de polícia.

Ó incomparável Senhora da Conceição Aparecida, mãe de meu Deus, Rainha dos Anjos, Advogada dos Pecadores. Refúgio e Consolação dos Afliços e dos Atribulados, ó Virgem Santíssima cheia de bondade, lançai sobre nós um olhar favorável.

E como um poeta sem emprego diante de um oligarca estadual:

Lembraí-vos, Clementíssima Mãe Aparecida, não constar, de todos que a vós têm recorrido e implorado vossa singular proteção, fosse por vós algum abandonado. Animado por esta confiança, a vós recorro e vos tomo de hoje para sempre por minha mãe, minha protetora, minha consolação, meu guia...

Algumas, talvez duvidando do poder dos santos no ócio pérfido do paraíso, vão diretamente a Deus, levando-os como simples advogados. Há, por exemplo, a oração de são Eiesbão e santa Efigênia reunidas não sei por quê. Pois bem. A oração começa assim:

Atendei, ó Deus Onipotente, às nossas súplicas, e porque nos confessar réus de muitos pecados, permiti que sejamos absolvidos deles pelas intercessões dos gloriosos mártires são Eiesbão e santa Efigênia e que o precioso sangue

de Nosso Senhor Jesus Cristo fiquemos lavado e relavado das nossas culpas; limpo e puro mais do que quando nascemos.

Esta petição é um modelo de isonjearia, de adulação, de humildade postiça, de engrossamento ao velho potentado de todos os tempos, infinitamente multiplicado nesta democrática época de potentados! E o suprássimo do rés do chão, é a flor perfeita da maneira de pedir!

Não são, entretanto, santa Efigênia e são Elesbão os únicos aitrados ao secundário papel de advogados. São Jerônimo, advogado contra os tremores subterrâneos, também o é, tendo como compensação um hino:

*Jerônimo santo, máximo penitente,
Rogai por nós a Deus eficazmente.
Jerônimo santo, sábio e forte,
Assiste-nos agora e na hora da morte.*

E são Simão, que livra do raio, não faz outra coisa senão pedir a Deus que fulmine apenas os para-raios, e santa Bárbara, coitada, logo que começa a trovejar tem que pedir a Deus menos barulho para não ouvir este hino fantástico:

*Salve, virgem gloriosa
E Bárbara generosa
Do Paraíso fresca rosa
Lírio de castidade
Salve ó virgem toda formosa
Lavada na fonte da castidade.*

Mas as orações são antes de tudo um meio de remediar o mal. Que faz a oração de São Luís Gonzaga, praticada pelas meninas do Rio desde o tempo em que a rua Teófilo Otoni era musicalmente a rua das Violetas? Remedeia os males de amor. Quando uma rapariga cai de joelhos e soluça:

Ó Luís santo, adorado de anjélicos costumes, eu, indigníssima devota vossa, vos recomendo singularmente a castidade da minha alma e do meu corpo. Rogo por vossa angélica pureza que intercedais por mim ante o Cordeiro Imaculado Cristo Jesus e Sua Mãe Santíssima Virgem e que me preserveis de todo o passado grave, não permitindo que eu saia manchada com alguma nódoa de impureza...

podéis ter a certeza, ó mortais, que a tentação anda no coração da donzela de tal forma que São Luís, apesar de angélico e de santo, chegará fatalmente tarde para a salvar. E assim uma velha senhora solteira que recitar convictamente a oração de São Lourenço:

Onipotente Deus, que ao Vosso bem-aventurado Mártir São Lourenço destes esforço para triunfar dos incêndios e dos Seus tormentos, concedei que se extinga em nós o fogo...

Ah! Deus de bondade! esta pobre senhora, assim velha e assim solteira, está muito mal!

São Luís e São Lourenço, entretanto, gozam da relativa liberdade de vir quando querem. Santo Onofre porém, pequeno e barbadinho, vive estrangulado no cóis das saias das senhoras para ouvir todas as manhãs esta suprema ironia síplice:

Meu glorioso santo Onofre bispo, confessor de meu senhor Jesus Cristo, em Roma fostes aos pés do padre santo vos ajoelhar, pedistes pão para as solteiras, pão para as casadas, pão para as vívvas, pão para as donzelas. Pedi para mim também que sou sua inquilina. Meu glorioso santo Onofre, vos peço que me deis comida para comer, roupa para vestir, dinheiro para gastar e graça para vos servir. Amém!

E santo Onofre não protesta, não grita, não foge, como São Silvestre, educado na humildade evangélica, tolera este lamentável pedido:

Valha-me o senhor são Silvestre, pelas três camisas que veste, no ano de trinta e sete, matistes e feristes e abrandastes os corações dos mouros, as bocas das serpentes. Assim eu abrandarei o coração dos meus inimigos que venham ajoelhar-se aos meus pés, porque Deus que é Deus pode e acaba com tudo que quer, traga teu coração debaixo de teu pé esquerdo...

Que diz o venerável santo a esse coração sem concordância pronominal metido miseravelmente debaixo de um pé? Talvez nem saiba a misera crendice, e ande lá por cima no azul, esquecido da maldade humana... As almas, apesar de benditas, porém, já por aqui andaram, já sentiram o amor, o ciúme e o medo, e a oração que as incensa é também velhaca e cheia de sandices:

Minhas almas santas benditas, aquelas que são do mesmo senhor Jesus Cristo, por aquelas que morreram enforcadas, por aquelas três almas que morreram degoladas, por aquelas três almas que morreram a ferro frio, juntas todas três, todas seis a todas nove, para darem três pancadas no coração dos inimigos, que eles ficarão humildes a mim debaixo de paz e consolação, a ponto de terem olhos e não me ver, pernas e não me alcançarem, braços e não me agarrarem — para sempre e sem fim.

Os homens, à solta, no recato das alcovas deliraram calmamente. Há gente que antes de sair reza a oração de são Jorge, para não ser ofendida pelos seus inimigos, e a de santa Catarina para alcançar o perdão dos pecados; há senhoras que aspergem os cantos da casa com água benta, dizendo a oração da bênção das casas, que consta de trezentas e oitenta e duas palavras, e a oração de santo Anastácio contra os demônios; há seres pensantes que trazem ao pescoço a oração de são Roberto contra os feitiços, oração que, segundo o editor, estava junto a uma "mi-lagrosa cana, achada em um lugar três léguas distante de são Marcos, escrita com letras de ouro e pela mão de Deus Nosso Senhor, Filho da Virgem Maria"!

É pois natural que as almas não se ofendam com um mau pedido e que são Marcos — pobre santo! — sorria quando ouvia à meia-noite esta tremenda oração *brava*, que lembra as cenas de entufamento medievo:

Chamo são Marcos e são Manços e seu confidente o anjo mau em meu auxílio para se apoderar do meu espírito e vida, juntamente com a pessoa que desejo fazer o mal, ou bem e com o dedo polegar da mão esquerda faço três vezes o sinal da cruz e com uma faca de ponta espetada na porta da rua ou mesa, com um lenço ou guardanapo bem alvo direi as seguintes palavras: Cristo morreu, Cristo sofreu, Cristo padeceu: assim peço-vos meu glorioso são Marcos e são Manços que sofra e padeça os maiores tormentos e torturas deste mundo a pessoa que eu quero para mim e pegando na faca com toda a fé e coragem que me dá esta oração darei quatro golpes na porta, ou mesa e pela quarta vez chamarei são Marcos e são Manços e o anjo mau, para me dar força e coragem de dizer: "Crede em Cruz" em círculo onde se acha a faca! Amém.

Oh! o poder da palavra pronunciada misteriosamente! Os homens de todos os países, de todas as terras têm-lhe um terror sagrado. Essas orações ainda guardam um sentido mais ou menos claro. A maior parte porém é apenas um estranho jogo de disparates, uma trapalhada alucinante. Há uma oração contra o sol, que ao lê-la sente a gente a vertigem do desequilíbrio:

Deus quando pelo mundo andou muito sol e calor apanhou, encontrou com Nossa Senhora com que o sol se tiraria com um guardanapo de olhos e copo d'água fria. Sim, como falo verdade torna o sol a seu lugar, vai esta Senhora pelo mar abaixo com o copinho de água fria, o mal que ela tem no corpo e na cabeça tire de Deus e da Virgem Maria.

É exatamente a maneira rítmica, o disparate deduzido dos literatos do Hospício e até hoje, se eu percebi que tais palavras

são contra o calor, não me foi possível ainda saber o que quer dizer esta formidável oração do mar sagrado:

Mar sagrado, eu te venho Salvar, a tua água te venho pedir para fortuna por Deus para minha casa levar; para que me dê ouro para guardar e prata para gastar, cobre para dar aos pobres.

Como exemplo de estílo desvairado há, entretanto, outras quase tão lindas como as poesias nefelibatas, pela sua dolorosa e obtusa ingenuidade. Está neste caso "O perdão eterno".

São José que caminhava com a Virgem Maria

Tanto caminhava de noite como de dia

Abre a porta porteiro

Que aqui está a Virgem Maria

Não quis partir na cama

Nem na cortina.

Partiu na manjedoura

Orde o bento boi comia.

Desceram os anjos dos céus, cantando Ave Maria

Subiu para o Céu rezando Santa Maria.

O eterno lhe perguntou, como ficou a partida?

Ficou coberto de ouro o seu bento filho

E o berto em que ele embalava era de ouro e latão

Aqui se acaba esta santa oração.

Quem esta oração rezar sete sextas-feiras, da Paixão,

E outras tantas carnavais,

Tem cem anos de perdão,

Se for seu pai, sua mãe, mais toda a sua geração.

Há na *Iliada* um trecho muito citado e rico de verdades. Homero fala das orações e diz: "As orações são filhas do grande Zeus, filho de Cronos. Capengas, zarolhas, feiarronas ocupam-se em seguir a Fatalidade. A Fatalidade é robusta e ágil. Vai muito adiante fazendo aos homens um mal que as orações

remediam". É destino do homem rezar, pedir o auxílio do desconhecido para o bem e para o mal; é sina deste pobre animal, mais carregado de trabalhos que qualquer outro bicho da terra ou do mar, ter medo e desconfiar das próprias forças. A Fatalidade o vai conduzindo por caminhos que são despenhadeiros às vezes e campos de risos raramente. O homem chora, ergue os olhos para o azul do céu, a menor das suas ilusões povoa-o de forças invisíveis e fala, e pede, e suplica. Que importa que diga tolices ou frases lapidares, horrores ou pensamentos suaves? É preciso remediar a fatalidade.

É por isso que, enquanto existir na terra um farrapo de humanidade, esse farrapo será um moinho de orações.

É por isso, talvez, que os vendedores de orações acabam mais ou menos supersticiosos dessa superstição teimosa que acredita apesar de tudo; é por isso que um pobrezinho vendedor dessas fantasias do pavor ignorante não sai de casa sem recitar à *estrela dos pastores* estas precavidas frases:

Desta casa me aparto em boa paz boa viagem Deus adiante, a bela cruz atrás eu no meio, altos e montes para mim sejam. Oremos bocas de cães e lobos sejam fechadas, tenham olhos e não me vejam, tenham pernas e não me sigam, tenham boca e não me falem, tenham braços e não me peguem, tão guardado me vejam como a Virgem Maria guardou o seu amado filho desde as portas de Belém até Jerusalém. Amém...